

O Ultimate Frisbee enquanto objeto de pesquisa no Brasil

Hudson de Sena Corrêa

Licenciado em Educação Física pela Universidade de Brasília – UnB

Dr. Felipe Rodrigues da Costa

Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho – UGF

Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília – UnB

Resumo | O presente trabalho teve como objetivo analisar a produção acadêmica brasileira relacionada ao Ultimate Frisbee, observando lacunas e avanços para o ensino da modalidade no Brasil. Buscamos na Plataforma Lattes a incidência da palavra chave “Ultimate Frisbee” entre os pesquisadores cadastrados. Foram analisados dez trabalhos que abordaram o ensino da modalidade, foco desta pesquisa. Destacam-se como questões a serem discutidas a promoção de novos conteúdos para a educação física brasileira, a “imposição” do idioma inglês aos praticantes e o valor moral intrínseco do Ultimate.

Palavras chave | Ultimate Frisbee; Educação Física; Esporte não-convencional; Ensino.

The Ultimate Frisbee as a research object in Brazil

Abstract | The present study aimed to analyze the Brazilian academic production related to Ultimate Frisbee, observing gaps and advances for the teaching of the modality in Brazil. We searched the Lattes Platform for the incidence of the keyword "Ultimate Frisbee" among registered researchers. Ten studies were analyzed that addressed the teaching of the modality, the focus of this research. The issues to be discussed are the promotion of new contents for Brazilian physical education, the "imposition" of the English language on practitioners and the intrinsic moral value of Ultimate.

Keywords | Ultimate Frisbee; Physical Education; Unconventional sport; Education.

El Ultimate Frisbee como objeto de investigación en Brasil

Resumen | El presente trabajo tuvo como objetivo analizar la producción académica brasileña relacionada al Ultimate Frisbee, observando lagunas y avances para la enseñanza de la modalidad en Brasil. Buscamos en la Plataforma Lattes la incidencia de la palabra clave "Ultimate Frisbee" entre los investigadores registrados. Se analizaron diez trabajos que abordaron la enseñanza de la modalidad, foco de esta investigación. Se destacan como cuestiones a ser discutidas la promoción de nuevos contenidos para la educación física brasileña, la "imposición" del idioma inglés a los practicantes y el valor moral intrínseco del Ultimate.

Palabras clave | Ultimate Frisbee; Educación Física; Deporte no convencional; Enseñanza.

Introdução

O Ultimate Frisbee, modalidade esportiva coletiva de invasão, de cooperação e oposição, com gênese nos Estados Unidos da América, surgiu como uma forma de manifesto da cultura adotada no país (GRIGGS, 2009). Então, como forma de fuga e resistência as situações de tumultos políticos e civis durante a guerra do Vietnã, os estudantes universitários, que representavam o coração deste manifesto, tentaram estabelecer uma contracultura baseada na democracia, no compartilhamento, na apreciação da beleza e da natureza e, de maneira geral, em um estilo de vida leve e descontraído. Assim, o Ultimate foi construído a partir dessas relações, evidenciando, até hoje, os valores adotados na contracultura americana (GRIGGS, 2009). A história mais consentida com relação a sua criação dar-se pela seguinte forma: estudantes da Universidade de *Yale*, no estado de *Connecticut*, após comerem uma torta feita pela fábrica Frisbie's, começaram a brincar com sua forma/base de metal, lançando-a e brincando entre eles gritando "*frisbie*", como forma de avisar as pessoas que passavam em meio aos lançamentos (BORGES et al., 2014; TEJADA OTERO, 2009). Então, William Frederick Morrisson, um entusiasta lançador da forma de metal, após vários testes, criou o primeiro modelo de plástico denominado Plato Plutter, mas por um erro de Rich Knerr, o primeiro comerciante do disco, manteve-se o nome

“frisbee” (TEJADA OTERO, 2009). Assim, em 1967, estudantes do ensino médio (*high school*) em Maplewood, Nova Jersey, criaram um esporte que foi disputado com um frisbee. Um dos estudantes chamou Ultimate para significar que foi uma experiência de esportes final, portanto, associando-se os dois nomes têm-se a denominação dada ao esporte, Ultimate Frisbee (TEJADA OTERO, 2009). No Brasil, a modalidade chegou em meados da década de 1980, onde é praticado de maneira sistemática nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais (Lavras, Uberlândia e Belo Horizonte), Brasília (onde um grupo de amigos iniciou sua prática no Parque da Cidade em 2012) e mais recentemente Porto Alegre e Manaus (COSTA et al., 2017).

Podemos colocar o Ultimate no rol dos esportes modernos, que são o resultado de um processo de modificação de elementos da cultura corporal de um modelo esportivo (BRACHT, 2005). Assim, existem algumas características que especificam os esportes modernos: (1) A adoção de regras fixas, pois, assim, permite uma prática uniforme e potencialmente universal, regras estas que, na modalidade, são geridas pela WFDF¹; (2) Ética, trazendo o respeito às regras e o prazer de jogar sem abdicar do desejo da competição/vitória; e (3) Equilíbrio entre as equipes, a divisão por categorias e/ou idades, por exemplo, e equilíbrio nas próprias equipes, não monopolizando o domínio do objeto de disputa apenas em um jogador de um esporte coletivo (MARTINS; ALTMANN, 2007). Portanto, o Ultimate reúne características e/ou elementos técnicos, táticos e físicos de algumas outras modalidades, como o basquete; o futebol americano; e o rúgbi, que se caracterizam como modalidades esportivas coletivas de invasão que utilizam as mãos para manusear seus respectivos implementos (LEONARDO; REVERDITO; SCAGLIA, 2009; BUTLER, 2016).

Logo, o Ultimate é, além de um esporte moderno, uma modalidade esportiva coletiva de invasão, cujo objetivo é adentrar o campo adversário e recepcionar o disco, que é o objeto de disputa, na zona de pontuação, a *end zone*. (ALMEIDA et al, 2008). A progressão em direção ao campo adversário é realizada através de trocas de passes, não sendo possível um indivíduo conduzir o disco, obrigando, portanto, a movimentos sincronizados e senso coletivo por parte das equipes para praticá-lo (COSTA et al., 2017). Há, portanto, características que evidencia a modalidade, tais como: (1) O jogo é auto arbitrado, ou seja, os próprios jogadores é que conduzem as partidas com relação à aplicação de suas regras; (2) Possui categorias

¹ World Flying Disc Federation - Federação Mundial de Discos Voadores.

masculinas, femininas e mistas; (3) O espírito de jogo, que comparando com outras modalidades mais populares, seria o fair play (jogo limpo), porém com uma maior aderência e fluência durante o jogo, abordando, aos finais dos jogos, nas rodas de espírito, temas como uso apropriado e conhecimento das regras; comunicação respeitosa com a equipe e adversários; atitude positiva e autocontrole.

Observadas perspectivas de ensino contemporâneas, como o Teaching Games for Understanding (BUTLER, 2016), ensinar o jogo a partir de sua lógica interna, é vital para proporcionar um ambiente propício e facilitador da aprendizagem (LEONARDO; REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Sobre este aspecto, o Ultimate se apresenta como importante conteúdo, considerando: a) autoarbitragem; b) gênero; c) espírito de jogo; d) implemento, a novidade, ou seja, todos têm experiências próximas com o manuseio do disco.

Observando o destacado potencial pedagógico, e por ser uma modalidade esportiva relativamente nova no Brasil, eis que surgem indagações: como o Ultimate vem sendo analisado como objeto de pesquisas no cenário acadêmico brasileiro? Existem pesquisas que tratem este esporte a partir do seu potencial pedagógico enquanto conteúdo da Educação Física? Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a produção acadêmica brasileira sobre o Ultimate, observando lacunas e possibilidades de avanços sobre o ensino dessa modalidade. Para tanto, buscamos na Plataforma Lattes as incidências da palavra chave “Ultimate Frisbee” entre os pesquisadores cadastrados.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório a partir de uma revisão bibliográfica da produção nacional a respeito do Ultimate enquanto objeto de pesquisa, revelando o universo de contribuições científicas desenvolvidas no Brasil, e demonstrando o atual estado da arte sobre o tema (SANTOS; CANDELORO, 2006). Portanto, a partir da análise destas colaborações científicas, podemos observar e apontar lacunas e possíveis perspectivas para o avanço da modalidade enquanto conteúdo da Educação Física e objeto de pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, a saber: (1) Revisão Bibliográfica; (2) Análise e discussão da produção acadêmica brasileira sobre o esporte. Assim, na primeira

etapa foi desenvolvida uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2008, p. 27), “habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental (...)”. O levantamento de literatura teve ênfase nos pesquisadores que produziram estudos/pesquisas relacionados com a modalidade. Portanto, como forma de abarcar a produção brasileira sobre o Ultimate, dividimos a busca na Plataforma Lattes em quatro campos, a saber: (a) Ensino; (b) Pesquisa; (c) Extensão; (d) Outros (Como participação em torneios e organização de eventos e campeonatos fora do ambiente acadêmico).

A busca na Plataforma Lattes foi realizada em “Assuntos”, onde incluímos a palavra chave “Ultimate Frisbee”, demarcando as opções doutores e demais pesquisadores. Assim, encontramos 49 currículos envolvidos com a modalidade de diferentes maneiras, quais sejam: ensino, pesquisa, extensão, participação em eventos e torneios nacionais e internacionais. Para fins deste artigo, definimos como critério de inclusão que seriam analisadas pesquisas em formato de artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, capítulos de livros e livros. Desses documentos, seriam excluídos os que não tratassem especificamente sobre o ensino do Ultimate.

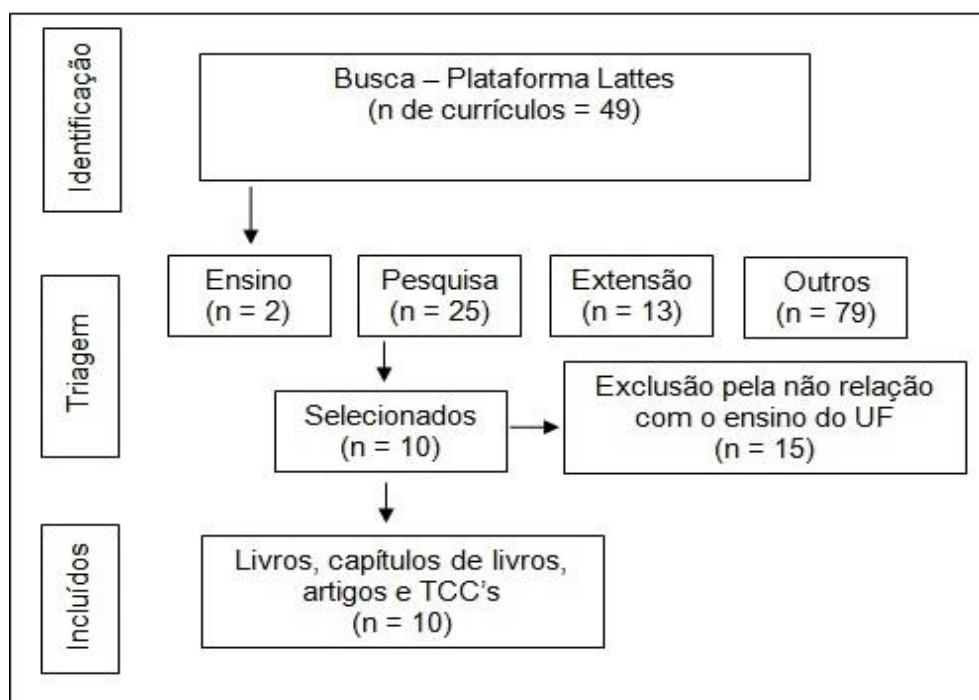


Figura 1 – Fluxograma e critérios de inclusão de pesquisas sobre o ensino do Ultimate.

Porém, como já explicitado, na segunda etapa da pesquisa também haverá uma abordagem explicativa, visto que um capítulo do estudo será destinado à análise das obras listadas na tabela abaixo, apontando as lacunas para o ensino da modalidade e possíveis formas de preenchê-las. Assim, a partir das informações adquiridas, interpretaremos as realidades e experiências evidenciadas nas pesquisas, expondo-as em um momento posterior deste trabalho.

Quadro 1: Pesquisas/obras referentes ao ensino do Ultimate retirados da Plataforma Lattes.

AUTOR(ES)	TÍTULO	OBRA
LIMA, K. E. F. (2008)	Ultimate Frisbee: O Esporte Enquanto um Fenômeno Educativo.	TCC – Graduação – Faculdade Estácio de Alagoas.
FARIAS, S. R. R.; SANTOS, A.; OLIVEIRA, J. D. B.. (2011)	Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo tempo.	Capítulo de livro.
MOTTA, A.; FERNANDES, R. M.. (2014)	Educação Olímpica através do esporte Ultimate Frisbee.	Artigo – FIEP Bulletin
BARROS, P. M.; REIS, F. P. G. dos; MACHADO, R. P. T.. (2014)	Uma proposta de sistematização do ultimate frisbee e do flagbol para as aulas de Educação Física escolar.	Artigo – Revista digital EFDeportes.
BORGES, R. M.; OLIVEIRA, J. D. B.; SANTOS, A.; FARIAS, S. R. R.. (2014).	Esportes de Invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee.	Capítulo de livro.
MAIELO, V. P. (2016)	Sugestões de adaptações para a aplicação do Guia de Ensino do Ultimate Frisbee para Educadores dos Estados Unidos na Educação Física Escolar.	TCC – Especialização – FMU, Brasil.
COSTA, F. R.; CHANN VIANNA, A. J. ; BERWANGER, E. ; REZENDE, A. L. G.. (2017)	Perfil e motivações de praticantes de Ultimate Frisbee na Universidade de Brasília.	Artigo – Cadernos de Formação RBCE.
COSTA, C. F. L.; SANTOS, C. S. (2018)	Uma perspectiva dos esportes não convencionais na escola: Ultimate Frisbee, Tag Rugby, e Tchoukball.	Artigo – Virtual Educa.
COSTA, F. R. da; ECHEVERRI RAMOS, J. A. (2018)	Ultimate frisbee: didática, métodos e prática de ensino.	Livro.
OLIVEIRA, E.S.; PAIVA, K.E.F.; PIERANGELI, A.; COSTA, F. R. da.. (2018)	Sistematização do Ultimate Frisbee para a Educação Física.	Artigo – Cadernos de Formação RBCE.

Análise e Discussão

Na década de 1960, em solo brasileiro, surge uma Educação Física competitivista que ficou marcada pelo forte processo de esportivização, pelo tecnicismo, pelo forte culto aos atletas, e também pela veneração ao esporte de desempenho e competição (SOARES, 2004). Assim, houve uma hegemonia do esporte, ou melhor, de alguns esportes, dentro das aulas de educação física, secundarizando, ou mesmo excluindo, outros conteúdos da cultura corporal.

Então, a Educação Física passou a ser utilizada pela Instituição Esportiva, como descreve Bracht (1997, pág. 22):

Mais uma vez a Educação Física assume os códigos de outra instituição, e, de tal forma, que temos então, não o esporte da escola, e sim o esporte na Escola, o que indica sua subordinação aos códigos/sentido da instituição esportiva. O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva.

Porém, em meados da década de 1980, como consequência das transformações sociais e políticas perpassadas a época (pós-ditadura militar), começa a eclodir uma concepção crítica na Educação Física², criticando, portanto, os conteúdos e metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física, assim como as funções sociais transmitidas pelos professores. Então, a partir desta concepção crítica e, posteriormente, da implantação de políticas públicas e documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, a Lei de Diretrizes e Bases e o Currículo em Movimento, se solidificaram propostas de diversificação dos conteúdos abordados nas aulas de Educação Física. Os esportes tradicionais são, ainda, predominantemente os conteúdos trabalhados pelos professores em ambientes de ensino básico. Segundo Bracht (2005) e Darido (2012) alguns aspectos explicam esse processo de ensino voltado para os esportes tradicionais. A estrutura física disponível nos colégios e faculdades, que privilegia o ensino dos esportes mais populares como o futebol/futsal; vôlei; handebol; e basquetebol, proporcionando experiências limitadas para os alunos que participam deste processo de ensino na educação básica³ mas também para os futuros docentes da rede de ensino. Este pode ser um sistema alimentado a partir de um modelo de formação docente também limitado, que pouco contribui para expandir a possibilidade de conteúdo da Educação Física escolar. Outro aspecto que contribui com esse formato de ensino é a nossa cultura esportiva, muito influenciada e determinada pelo futebol.

A cultura esportiva vivenciada no Brasil tem como foco, além dos esportes e dos aspectos já citados, alguns outros enfoques que a fortalece. Questões relacionadas ao vencer a qualquer custo, que desencadeia uma série de outros fatores como desrespeito às regras e

² Referimo-nos ao “Coletivo de Autores”, que vieram a publicar a primeira edição da obra Metodologia do Ensino da Educação Física.

³ Compreende-se o ensino básico no Brasil como o processo de ensino que contempla o Ensino Infantil, Fundamental e Médio.

adversários, por exemplo. Portanto, esses pensamentos transcendem o ambiente esportivo e acabam se refletindo também na sociedade como um todo. Assim, conteúdos que têm potencialidades para abordar tanto o campo motor, aquele que envolve tanto a cultura corporal, quanto o campo dos ensinamentos éticos e morais tornam-se uma ferramenta cada vez mais necessária para formação de uma nova visão do esporte e de sociedade.

O trabalho de Motta e Fernandes (2014) reforça esse paradigma. Os pesquisadores, com a intenção de acrescentar educação olímpica através do esporte, desenvolvendo a ética como um valor a ser promovido no cotidiano dos alunos, um tema/conteúdo sugerido pelo PCN, buscaram durante um semestre incluir os alunos no Ultimate, trazendo aspectos técnicos e táticos referentes ao jogo e principalmente o aspecto ético e olímpico tão frequente no desenvolvimento da modalidade. Ao fim do primeiro mês de exposição com a modalidade e também com os temas Educação Olímpica e Ética, e após uma competição organizada pelos alunos, o professor elaborou entrevistas com os mesmos, onde foram abordadas questões como (1) Manuseio do disco; (2) Compreensão das regras; (3) Aplicação das regras; (4) Exercer o jogo limpo perante os colegas; (5) Prática da modalidade sem a presença de árbitro. No primeiro momento, ao fim do primeiro mês, os alunos não se mostraram muito dispostos a formalizar o campeonato sem a presença de árbitros, pois relataram que o jogo limpo não seria levado a sério e, portanto, alguns iriam se beneficiar infringindo as regras. Porém, após as abordagens dos temas nas aulas; maior compreensão da modalidade; e a disputa do “Torneio Paulo Freire de Ultimate Frisbee”, os alunos, em sua maioria, modificaram seus costumes e pensamentos frente ao esporte, gerando comportamentos condizentes com os anseios sociais e educacionais preconizados no PCN. Mas,

Houve ainda algumas opiniões negativas em relação a não necessidade de um árbitro, e apesar destas opiniões terem sido expressadas pela minoria dos alunos, foi visível que o pensamento destes ainda encontrava-se enraizado pelo o valor excessivo dado a vitória e a total recusa da derrota (MOTTA e FERNANDES, 2014, p. 6).

Assim, os autores reforçam a característica ética promovida pela modalidade. Desta forma, por ser relativamente recente, quando comparado às modalidades tradicionais, o Ultimate ainda se mostra pouco explorado por pesquisadores como alvo de publicações, mas

se instaura como tema de debates em congressos e seminários, como evidenciamos na busca na Plataforma Lattes. Porém, por ter uma cultura esportiva contrária a habitual e uma vasta área de conteúdos que podem ser tratados junto à prática da modalidade, o esporte passa a chamar atenção e começa a ganhar espaço no campo científico brasileiro.

Observado o potencial educativo da modalidade, a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social – SNEELIS do Ministério do Esporte, que junto a Farias et al (2011) e Borges et al (2014) formularam uma alternativa para subsidiar os projetos desenvolvidos com o Programa Segundo Tempo – PST. Os livros em questão surgem como um material de apoio que visam complementar o conhecimento dos professores e coordenadores para com as modalidades esportivas desenvolvidas no programa. Assim, o *Ultimate*, por ser uma novidade, tem o seu capítulo, em ambos os livros, com uma abordagem introdutória, explorando curiosidades (auto arbitragem, por exemplo) e aspectos como gênero; espírito de jogo e as regras básicas do esporte.

Porém, segundo Maielo (2016) e Oliveira et al (2018) existem alguns pontos que dificultam uma maior inserção da modalidade em ambientes de ensino brasileiros. O primeiro está relacionado ao idioma: as regras e expressões que marcam o desenvolvimento do jogo (up, pull, handler, forehand, fast count etc.), tem sua origem na língua inglesa com pouquíssima divulgação em português. Conseqüentemente, pessoas que não estão habituadas a modalidade podem interpretar algumas ocasiões e regras de maneira distinta as previamente determinadas pela WFDF. Mas, este ponto começa a ser analisado, e uma proposta para solucioná-lo foi criado pelo público docente e discente da UnB⁴ que se relacionam com o *Ultimate*. E o segundo está relacionado ao processo de sistematização da modalidade nos ambientes de ensino. Maielo (2016) pensando tanto na questão linguística quanto na bibliografia relacionada aos métodos de ensino, propõem uma adaptação do “Guia do educador para o ensino do ultimate frisbee”, documento criado pela *USA Ultimate*⁵ com o intuito de auxiliar os professores com pouca experiência na modalidade nas aulas de Educação Física Escolares. As principais adaptações que o guia teria que passar para atender o cotidiano escolar brasileiro está relacionado à avaliação e o tempo. A avaliação proposta pelo documento não é comum para a realidade escolar brasileira, pois, de modo geral, a

⁴ Apresentação das regras traduzidas, destinando uma maior atenção com o público que necessita de uma ferramenta pedagógica para desenvolvimento da modalidade, facilitando a compreensão e aplicação das regras.

⁵ Órgão responsável por reger a modalidade nos Estados Unidos.

proposta do documento é de auto avaliação, e, além disso, os parâmetros de ensino e avaliação apontam para um lado tecnicista da modalidade. Já o tempo (calendário) é outro tema de adaptação visto que o documento sugere que para o desenvolvimento de cada etapa são necessárias doze aulas, ou seja, para desenvolver todas as cinco etapas propostas seriam necessárias sessenta aulas. Logo, seguir o tempo e a quantidade de aulas propostas pelo guia na realidade escolar brasileira seria inviável, pois toda a grade curricular da Educação Física dos alunos brasileiros seria preenchida apenas com o Ultimate, e, provavelmente, ainda não seria o suficiente para comportar o número sugerido pela entidade estado unidense.

Barros et al. (2014) propõem uma sistematização baseada em quatro semanas de contato e vivência com a modalidade, explorando desde aspectos históricos e singularidades, até aspectos técnicos e táticos. Essa proposta parece adequar-se a realidade encontrada nas escolas brasileiras, pois este período corresponderia a um mês de aula, ou seja, metade de um bimestre, correspondendo em um total de oito aulas de Educação Física. Essa sistematização pode ser um meio para inserção dos alunos na modalidade, vivenciando um esporte novo. Entretanto, González-Víllora et al (2018) mostram que para um efetivo desenvolvimento de competências em algumas modalidades de invasão são necessárias entre 10 a 30 sessões e/ou aulas. Porém, tudo dependerá da realidade com a qual o professor está inserido, efetuando alterações/adaptações em ambos os modelos citados. Para subsidiar essas alterações, os professores podem utilizar obras como a de Costa e Echeverri Ramos (2018) e de Lima (2008), que além de elucidarem quanto ao desenvolvimento do Ultimate em Brasília e em Alagoas, respectivamente, proporcionam uma espécie de manual, abordando desde aspectos técnicos e táticos até as regras e considerações a respeito do espírito de jogo.

Com relação ao gênero, que também é um tema recomendado pelo PCN, Costa e Santos (2018) viram no Ultimate uma forma de abarcá-lo nas aulas de Educação Física Escolar. Pelo fato de a modalidade possuir uma categoria mista, os pesquisadores aproveitaram para abordar aspectos fisiológicos sobre a diferença entre o corpo do homem e da mulher, reiterando que algumas modalidades são separadas justamente por esse aspecto, mas que, de modo geral, não há um esporte ou atividades físicas específicas para o público masculino ou feminino.

Dessa forma é importante desenvolvermos atividades que tenha esse propósito de unir ambos os gêneros, e não permitir que tenha essa distinção de força, agilidade, de capacidades coordenativas, mas que

signifique que todos têm o direito de vivenciar qualquer atividade física dentro ou fora do contexto escolar (COSTA e SANTOS, 2018, p. 7).

Pois, o gênero que compõe o contexto esportivo contribui para o modo como os alunos agem, pensam e sentem sobre si mesmo, adquirindo, portanto, conhecimentos para além da vida escolar e levando-os para o seu cotidiano (STUNTZ et al., 2011).

Conclusão

A partir das análises das pesquisas e das realidades por elas evidenciadas, podemos ressaltar que o Ultimate Frisbee, apesar de ser relativamente novo em âmbito nacional, começa a ser foco de pesquisas no cenário acadêmico brasileiro. Assim, podemos destacar que conteúdos potenciais que o esporte aborda com o seu desenvolvimento despertam a curiosidade dos pesquisadores, que veem surgir na modalidade novas perspectivas para o ensino da Educação Física. Então, tratado como um esporte não convencional, o Ultimate pode ser uma rica ferramenta para variação dos conteúdos curriculares e experiências não escolares (projetos sociais, clubes, escolas de iniciação esportiva), como preconizam os PCN's e diretrizes do Programa Segundo Tempo, por exemplo.

Uma proposta de intervenção para aqueles que trabalham no ambiente escolar pode ser a interdisciplinaridade. Assim, questões morais e éticas podem ser trabalhadas em conjunto entre a Educação Física e a Sociologia, por exemplo, ou mesmo um trabalho conjunto com os professores de inglês, pois questões relacionadas à linguagem utilizada para com a modalidade, que normalmente apresentam-se em inglês, ainda merecem atenção. Então, a partir da idealização de uma cultura pautada no respeito às questões éticas e morais, o debate de gênero vem a complementar essa ideia, trazendo, portanto, conhecimentos; questões e experiências da vida escolar e também do cotidiano. Acreditamos, ainda, que um modelo ou uma proposta de sistematização do ensino da modalidade para realidade encontrada pelos educadores no Brasil também se faz necessário, pois há, ainda, uma questão relacionada à quantidade de aulas que seriam necessárias para otimização do processo de ensino, bem como uma maneira adequada para avaliar esse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. A. B. et al. A construção de consensos dentro de esportes competitivos - um estudo de caso: Ultimate Frisbee. **Movimento & Percepção**. v. 9, n. 12, jan./jun. 2008.
- BARROS, P. M.; REIS, F. P. G.; MACHADO, R. P. T. Uma proposta de sistematização do ultimate frisbee e do flagbol para as aulas de Educação Física escolar. **Revista digital efdeportes**, v. 18, p. 1-1, 2014.
- BORGES, R. M. et al. **Ultimate Frisbee**. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee**. 1ed. Maringá: Eduem, 2014, v. 1, p. 279-328.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2a ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- _____. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.
- BUTLER, J. **Playing fair: using student-invented games to prevent bullying, teach democracy, and promote social justice**. Champaign: Human Kinetics. 2016.
- COSTA, C. F. L.; SANTOS, C. S. Uma perspectiva dos esportes não convencionais na escola: Ultimate Frisbee, Tag Rugby, e Tchoukball. **Virtual Educa**. Bahia, 2018.
- COSTA, F. R. da. et al. Perfil e motivações de praticantes de Ultimate Frisbee na Universidade de Brasília. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, v. 8, p. 84-94, 2017.
- COSTA, F. R. da; ECHEVERRI RAMOS, J. A. E. **Ultimate frisbee: didática, métodos e prática de ensino**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018. v. 1. 128p .
- COSTA, F. R. da et al. **Leitura pedagógica das regras de Ultimate: uma versão em português para uso na iniciação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. 53 p.
- DARIDO, S.C. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- FARIAS, S. R.; SANTOS, A. ; BATISTA, J. D. O. **Ultimate Frisbee**. In: OLIVEIRA, A. A. B.. et al. (Org.). **Ensinando e aprendendo esportes no Programa Segundo tempo**. 21ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011, v. 1, p. 393-424.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZALEZ-VILLORA, S. et al. Hybridizing pedagogical models: A systematic review. **European Physical Education Review**, 6 Setembro, 2018.

GRIGGS, G. The Origins and Development of Ultimate Frisbee. **The Sport Journal**, 2009.

LEONARDO, L.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família do jogo. **Motriz: Revista de Educação Física (Online)**, Rio Claro, v.15 n.2 p.236-246, abr./jun. 2009.

LIMA, K. E. F. **Ultimate Frisbee: O Esporte Enquanto um Fenômeno Educativo**. 2008. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Faculdade de Alagoas, FAL, Brasil, 2008.

MAIELO, V. P. **Sugestões de adaptações para a aplicação do Guia de Ensino do Ultimate Frisbee para Educadores dos Estados Unidos na Educação Física Escolar**. 15 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar). FMU, Brasil, 2016.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. **In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2007, Campinas**. Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007.

MOTTA, A.; FERNANDES, R. M. Educação olímpica através do esporte ultimate frisbee. **The FIEP Bulletin**, v. 29, p. 10, 2014.

OLIVEIRA, E.S. et al. Sistematização do Ultimate Frisbee para Educação Física. **CADERNOS DE FORMAÇÃO RBCE**, v. 9, p. 20-32, 2018.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 3a. ed. Campinas: Autores Associados, 2004. v. 1. 143p.

STUNTZ, C. P. et al. Same-Sex and Mixed-Sex Sport Teams: How the Social Environment Relates to Sources of Social Support and Perceived Competence. **Journal of Sport Behavior**, 2011.

TEJADA OTERO, C. P. **Ultimate Frisbee: Metodología Del entrenamiento**. Medellín, Colombia: **VIREF Biblioteca Virtual de Educación Física**. 127p, 2009.